



ENTRE O PRESENTE E O INADIÁVEL: considerações sobre o pensamento de Silviano Santiago

Heloisa Toller Gomes¹

Retirar o livro da estante, abri-lo, percorrer criticamente suas linhas, é dessacralizá-lo; é avançar paralela e simultaneamente um **desejo** de escrever outro texto, é ir elaborando um texto-de-leitura que vai se escrevendo na nossa memória ou que será inscrito posteriormente na folha em branco como ensaio e com a nossa assinatura. Esse outro e segundo texto [...] é ao mesmo tempo **outro**, mas o **mesmo**. Silviano Santiago. *Carlos Drummond de Andrade*, p.28.

Palavras como as da epígrafe acima são estimulantes, ao se abordar o discurso poético-crítico de Silviano Santiago em seu percurso no pensamento contemporâneo. Elas sugerem que não se trata de acrescentar, ao texto lido, o do intérprete que o “explicasse”. Trata-se, em lugar disso, de captar o convite (no caso presente, vindo do texto de Silviano) para participar de uma inscrição inesgotável, articulando o próprio trabalho a jogos interpretativos infindáveis, sem a tentação de estabelecer, ou de aceitar, linhas divisórias, excludentes, a separar drasticamente um *mesmo* e um *outro* discursos. Assim se tranquiliza (ou perturba?) o leitor/intérprete, na medida em que elabora um texto-de-leitura a desdobrar-se a partir de um texto original – o qual, por sua vez, sobre põe-se a outros textos que já o contaminavam, abarcando-se potencialmente, dessa forma, toda a cadeia textual. O texto avançado *a posteriori* tem o seu conteúdo pré-determinado por aquele que analisa – nessa leitura do patente e do latente, a

¹ Heloisa Toller Gomes é professora da UERJ e pesquisadora PACC/UFRJ.

desvelar “o que tinha sido recalcado em silêncio e espaço-branco pela escritura e que só agora pode ser revelado neste texto posterior.” (S.S., 1976, p.28).²

Assim se pode ler um autor escolhido, em seus ditos e silêncios. E não só autores: também podem ser lidos, e entrecruzados, países, continentes, épocas. Assim se lê (e escreve), com mais chão e ar livre, o Brasil em seus impasses e achados socioculturais. O Brasil, forjado pelo saber interdito, truncado, autoritário de colônia (“O significado imposto pelo europeu à América deriva da força da violência da conquista”, escreveu Silviano em *Nas malhas da letra* - p. 204); posteriormente em discursos de nação pós-colonial, ainda no arremedo dos valores metropolitanos; e, com muita força, na inevitável contaminação e corrupção desses valores em contágio com as mesclas de povos e culturas, configurando aquilo que Silviano chama de *entrelugar* e a partir de onde germina a singularidade de nossa(s) cultura(s) americana(s) – “apesar de dependente, universal”.³ A isto, voltarei mais tarde.

A “corrosão de valores entre si” (ver nota 3, aqui) também afeta o âmago da contracultura gerada por híbridas camadas populares. Penso, em especial, na herança afrodescendente, que desde tempos longínquos (se) complicava e emaranhava, sempre na contramão da cultura hegemônica.

54

Tudo isso foi, e é, parte do que tenho aprendido como aluna, colega de departamento na universidade, orientanda, amiga de Silviano Santiago. E me anima a comentar, agora, a sua produção discursiva.

Embarcar no projeto intelectual de Silviano significa enveredar por um projeto próprio de movimento incessante. A dinâmica me parece, de certa forma, análoga à “volta do parafuso” sugerida por Henry James: não há finalização no

² As referências a textos de Silviano Santiago são indicadas, neste artigo, pelas iniciais S.S.

³ “A consciência nacional só pode surgir de formas de compromisso, de um entrelugar que passa a ser definidor não mais do *puro* exotismo europeu, nem da *pura* exuberância brasileira, mas da contaminação do exotismo sobre a exuberância e vice-versa. Mas essa contaminação tem de ter direção certa: a marca ideológica deve surgir no texto (ela sempre surge), indicando que a valoração é dada pela ‘realidade’ (europeia) que é escrita inicialmente na página, e não pela ‘realidade’ que se lhe acrescenta por comparação. Existe uma corrosão de valores entre si, de tal modo que o resultado final é um produto impuro, mas este é afirmativo, positivo da nacionalidade.” (Silviano Santiago, Liderança e hierarquia em Alencar, em *Vale quanto pesa*, p.110).

giro do parafuso, assim como não se privilegia uma conclusão definitiva na célebre novela de James. Na práxis da crítica textual, pode-se pensar ainda no “parafuso” em algumas de suas acepções dicionarizadas – “acrobacia aérea em espiral”; “passo de frevo”; “golpe de capoeira” - *Novo Aurélio - século XXI*. Penso que Derrida talvez estivesse de acordo. E Silviano.

Na leitura crítica atenta, não ingênua, não circular, vislumbra-se a noção do incompleto e, paradoxalmente, do infinito potencial do movimento interpretativo: “... o sol do leitor não pode abranger toda a vastidão do livro. Tem de encontrar aqui e ali o recanto que deseja privilegiar, (...) enquanto os outros momentaneamente se refugiam nas trevas”, escreve Silviano em seu estudo sobre Drummond (S.S., 1976. p.29).

É Silviano quem fala? É João Cabral? Derrida? Nietzsche? Somos nós, sou eu?

Na verdade, isto nem parece tão importante. Falamos todos, misturadamente, pelas raízes rizomáticas em que se espalha o saber. Não aquele pretense saber puro ironizado por Foucault,⁴ mas o saber-poder cheio de ervas, de terra, areia, excrementos, brilhos e sombras – de sementes.

55

.....

Ao saudar no presente, e rememorar através dos anos passados, a produção discursiva de Silviano Santiago gostaria de, nela, destacar e brevemente desenvolver algumas vertentes interpretativas que têm sido particularmente fecundas para a reflexão acadêmica em nosso país. Refiro-me, em primeiro lugar, ao tropo da semente; em segundo, ao já mencionado entrelugar, que aponta para a força “à revelia” da transgressão e incorpora a linguagem do pastiche, acionada pela lógica do suplemento.

São questões emblemáticas colocadas pela escrita de Silviano desde a década de 60 e que se desdobram em diversos âmbitos, sempre polemizados, de sua literatura e docência. Destaco a crítica à literatura comparada tradicional em sua busca de fontes e influências, à qual ele contrapõe um comparatismo

⁴ Em *La vérité et les formes juridiques*, Foucault provocadoramente sugere que, em algum suposto lugar onde o saber e a ciência existissem “dans leur vérité pure”, não haveria poder político. (Apud Revel, Judith. *Dictionnaire Foucault*, p..108).

alternativo que trabalha, incansavelmente, o poço sem fundo da dependência cultural.

Desnecessário dizer, tais vertentes não são direções fixas, mas veredas que se encontram, entrelaçam, transbordam. Por vezes, elas se compõem em mosaico, por vezes se enredam em nós. Porém, é possível seguir fios condutores no desembaraçar dessas teias de falas e de silêncio – ocupando brechas, atravessando o entulho das camadas discursivas. Pretendo percorrer algumas dessas trilhas, no que se segue.

1: A SEMENTE: terras infindas, homens bárbaros e incultos

Oh que grandes esperanças me dá esta sementeira! Oh que grande exemplo me dá este sementeiro! Padre Antônio Vieira. *Sermão da Sexagésima*, p.92.

Voltemos no tempo histórico, até a *Carta* de Caminha ao rei de Portugal.

Esta terra, relata ali o escrivão ao rei, é “em tal maneira graciosa” que, “querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.”

O discurso inicial da colonização insere a motivação utilitária na observação do missivista (“querendo-a aproveitar”...). Ali já se embutem, arditamente, sagrado e profano, o econômico e o piedoso, por meio da metáfora vegetal expandida: “Porém o melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.” (*Carta*, p. 116).

Vamos agora retomar o Padre Antônio Vieira, sugere Silviano (através da minha lembrança) a seus alunos/interlocutores/leitores. No *Sermão da Sexagésima* (1655), Vieira explora a parábola do sementeiro e, através dela, a metáfora da semente e assim manipula a palavra/semente do verbo divino. Ele contrasta o agente-semeador (missionário, pregador) ao recipiente-semeadura (pagão, indígena). Vieira fulmina rivais e inimigos, inclusive dentro da Igreja Católica. Mas algo em especial nos interessa no fulgurante sermão, a transcender o espaço lisboeta em que foi pregado – algo que cruza os mares, fincando-se no âmago do colonialismo implantado no Novo Mundo.

Vieira busca cercear o imaginário, evitando a temida transgressão – em discurso que só viria a explodir entre nós, latino-americanos, séculos depois.⁵ Ele almeja afiar a sua eloquência no gume da palavra de Deus – “de tal forma penetrante que, no seu silêncio, iluminasse os gestos dos pagãos, [descobridor-lhes] religiosamente as qualidades da cópia e do reflexo.” (S. S., 1971, p.8). Irmanam-se, nesse sentido, os discursos do colonizador e do missionário, no endosso ao monolingüismo que não cogita de outro deus, de outro discurso.

Em “Apesar de dependente, universal”, Silviano enfatiza as ligações entre conquista, colonização, negação da alteridade:

A experiência da colonização é basicamente uma operação narcísica, em que o outro é assimilado à imagem especular do conquistador, confundido com ela, perdendo portanto a sua alteridade (...) e ganhando uma alteridade fictícia (imagem especular do europeu). (S.S., 1981, p.12-13).⁶

Podemos examinar as argúcias discursivas, artimanhas e rituais da colonização com a sensação de girar entre os dedos o objeto espelho, miçanga para os índios; a partir daí, o espelho-reflexo do ritual mímico. Sobretudo, o espelho montado pela retórica jesuítica, refletindo e reproduzindo o discurso do Deus Único. Jogando espe(ta)cularmente com olhos e espelho, cegueira e luz, noite e entendimento, Vieira pontifica: “Para esta vista são necessários olhos, é necessária luz e é necessário espelho. O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina” (VIEIRA, 1972, p.95).

Grande paradoxo brasileiro, latino-americano: a fala e o ato do poder ocidental, imperial e catequético no “país da cobra grande” re-inventado por Oswald de Andrade a partir do espaço da transgressão, que ele ajudou a instaurar na cultura brasileira.

⁵ Conforme já sugeri acima, é em grande parte através da tela de minha memória pessoal (como aluna nas aulas de Mestrado e Doutorado na PUC-RJ, nos anos 70-80) que retomo este cruzar de vozes e de escritas – projetadas e postas em discussão pelo Professor Silviano Santiago, na dinâmica da sala de aula.

⁶ Utilizo, aqui, a primeira versão de “Apesar de dependente, universal”, publicada em Apresentação a meu *O poder rural na ficção* (S.P.: Ática, 1981. p.11-20). O texto de Silviano Santiago foi republicado em 1982, em seu livro de ensaios *Vale quanto pesa* (R.J.: Paz e Terra, 1982. p.13-24).

Há um outro jogo de espelhos, montado pelo professor diante de seus alunos/interlocutores. Revisitamos Vieira – em companhia, também, de Foucault, perscrutador dos discursos do poder e dos sistemas “de proibições e de valores” de que são investidas as práticas discursivas (FOUCAULT, 1972, p.234). Tantas vozes de tempos diversos, essas e outras, conflitam, se batem, se recompõem, no endosso ou na denúncia dos códigos linguístico e religioso da colônia, interdependentes e unidos, apesar das desavenças entre a Cruz e a Espada. Na sujeição permanente (e necessária, dentro da ótica do império) daquele visto como inferior, o não-branco, em suas descendências híbridas e menosprezadas. Vieira foi um dos grandes arautos, talvez o maior entre nós, dessa ordem hierarquizante.

O discurso colonial, no monolinguismo que o caracteriza, nega o discurso indígena como possível fonte para o enriquecimento da língua portuguesa. Neste dado momento, Alencar pode entrar em cena sem fazer feio. Mas, cuidado, Alencar também se posiciona com Caminha, com Vieira, na inesgotável metáfora vegetal e dentro do mesmo paradigma: “germinou a palavra do Deus verdadeiro na terra selvagem” lembra Silviano, citando Alencar, melhor dito, inserindo em seu texto (nosso texto, texto deles, deles quem?) o narrador de *Iracema*.⁷ Nos giros do parafuso, acentua-se o vai-e-vem do passado com o presente.

58

“O sermão há de ser de uma só cor, há de ter um só objeto, um só assunto, uma só matéria”, adverte Vieira (VIEIRA, 1972, p.108). No barroco, tanto brilho, tanta melancolia. A transgressão assumida por olhos, boca e ouvidos – abolindo a primazia do espelho, que só é múltiplo quando estilhaçado – teria que aguardar o triunfo do modernismo radical. Em *Macunaíma*, com Mário de Andrade; ainda com Mário, na “traição da memória”; e, notadamente, na poesia e na antropofagia oswaldiana, para falar da alegria como prova dos nove.

Relembremos a contrapartida de Oswald a Vieira, em sua saudável irreverência antropófaga: “Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. [...] Fez-se o empréstimo. Gravou-se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.” (ANDRADE, 1972, p. 14-15).

⁷ Liderança e hierarquia em Alencar, *Vale quanto pesa*.

São voltas do parafuso que dizem respeito a nós, ex-colonizados, descendentes de explorados e de exploradores coloniais, nos defrontando com as cicatrizes e sequelas colonialistas, convivendo com as armadilhas neocoloniais. Mesmo dadas as evidências de que o modernismo utópico dos anos 20 não responde bem às complexidades socioeconômicas atuais, a nossa tarefa de leitores e produtores de textos acolhe o que Oswald sugere:

“Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros.” (id., p.15).

Silviano, por sua vez, chama a atenção para o que chama de “jogo da imprecisão” e “força de fragmentação” a permearem o trabalho interpretativo de grandes predecessores, assim como o de hoje, nos labirintos americanos. Considero emblemático, para os presentes propósitos, o trecho que se segue:

Torna-se, pois, tarefa urgente e delicada explorar o jogo da imprecisão. Imprecisão entre o aparente como significado do *texto* que está sendo lido e a tarefa inadiável de significação da *escrita* dos dois ensaístas [Octavio Paz e Sérgio Buarque de Holanda] pela compreensão da força de fragmentação que nelas está latente. Lançado o jogo entre o aparente e o latente, entre o presente e o inadiável (S.S., 2006, p. 36-37).

No bojo do inadiável, a releitura desafiadora do passado.

Chegamos, assim, ao segundo momento de nosso texto.

59

2: A TRANSPARÊNCIA ENGANOSA DO ENTRELUGAR: pastiche, suplemento

O artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão. Silviano Santiago. *O Entre-lugar do discurso latino-americano*, p.27.

O que chamamos, com Foucault, de ruptura hermenêutica no cerne do pensamento ocidental a partir das contribuições inovadoras de Nietzsche, Marx e Freud, foi responsável em grande parte pela desconstrução do eurocentrismo cultural em que secularmente se sustentou o suposto universalismo do Ocidente (FOUCAULT, 1987, p.13-27). Nas palavras de Homi Bhabha,

America leads to Africa; the nations of Europe and Asia meet in Australia; the margins of the nation displace the centre; the peoples of the periphery return to rewrite the history and fiction of the metropolis. (BHABHA, 1990, p.6).⁸

Não basta, porém, apenas uma inversão na valorização dos saberes e a exposição de seus avessos. É indispensável repensar o “valor dos valores”, nas palavras de Nietzsche, e refletir sobre os modelos culturais impostos que incorporamos e transmitimos, em seus modos de atuação e tenso funcionamento; sobretudo, as formas de sua subversão – sempre latentes, quando não ostensivamente presentes.

O caso brasileiro (latino-americanos que somos) tem apresentado insólitas mesclas e nuances sócio-históricas. Somos os herdeiros pós-modernos de colonizadores e de povos gerados no processo colonialista. Somos também, em vários aspectos socioculturais, os subalternos colonizados, sujeitos a formas neocoloniais de dependência econômica e cultural. Vivemos, em suma, a peculiar situação (se forem consideradas as concepções culturais dominantes no Ocidente, centradas na Europa e nos Estados Unidos) em que “os outros” somos nós. Nessas ambiguidades de enganosas transparências, buscamos estabelecer um saber próprio. Como fazê-lo? Mais uma vez pontuamos o nosso texto com o de Oswald de Andrade, agora em “Sol da meia noite”:

Nada podemos esperar da Europa europeia, para onde vivemos por tanto tempo voltados, com a luz de Paris em nossos espíritos. Foi uma época que terminou. Tínhamos pelo latino-americano um desprezo que participava do conhecimento de nós mesmos, de nossos pobres recursos civilizados, perdidos no esmagamento de uma fiança torpe ligada à fome dos imperialismos. (ANDRADE, 1991, p.85).

Oswald volta o olhar arguto para o passado, realçando a negação secular à “sementeira” colonial. Diz ele, no mesmo texto: “Toda a história do nosso continente, principalmente a história rica, dramática e colorida na América Latina, está coriscada de gestos libertários.” (id., p.84). Muitos desses “coriscos” sugeridos por Oswald (que expressam a sua descrença numa pretensa continuidade cultural eurocêntrica) têm partido daqueles que são denominados

⁸ “A América leva à África; as nações da Europa e da Ásia encontram-se na Austrália; as margens da nação deslocam o centro; os povos da periferia retornam para re-escrever a história e a ficção da metrópole.” (Traduzi).

minorias populacionais – ameríndios e africanos, subjugados no processo colonialista.

Algumas perguntas emergem com premência a partir dessas constatações, a saber: como organizar a reflexão crítica e as noções de identidade em tal conjuntura? Como situar a nós próprios, enquanto agentes intelectuais; como conceber o mundo globalizado (pós-colonial, se quisermos) e a nossa capacidade de agir, social e culturalmente, dentro dele?⁹

Destaca-se, nesse sentido, a importância do conceito de *entrelugar* de Silviano Santiago na reflexão sobre a literatura e a produção cultural em países como o Brasil, marcados pela imposição de códigos civilizatórios colonialistas.

Não busco efetuar, aqui, uma nova leitura abrangente do conceito. Diversos estudos acadêmicos de qualidade, nesse sentido, já têm sido feitos. Pretendo apenas focar dois de seus traços fundamentais – a lógica do suplemento e a linguagem do pastiche, relacionando-os à concepção do entrelugar e à ficção de Silviano, *Em liberdade*. Lembro que o entrelugar pode ser visto não somente como lócus de um discurso, mas também como propiciador de determinado(s) modo(s) de escrita – afinada à lógica do suplemento e onde cabe como luva a linguagem do pastiche.

O suplemento, noção básica da desconstrução derrideana desenvolvida por Silviano, não trabalha com binarismos simples. Sua especificidade é um “deslizamento” entre os extremos, que permite sempre à “obra de segundo grau” (a latino-americana) se fazer passar pelo “original” (metropolitano). A disponibilidade de significação que é inerente ao suplemento constitui mesmo, segundo Derrida, o estatuto da escritura – cujo significado está sempre em jogo dinâmico, sujeito às forças que o ocupam e o impulsionam dentro do espaço aberto da polissemia e da intertextualidade.

Não se trata, portanto, de conferir “o que falta(ria)” nas culturas europeias hegemônicas para supostamente complementá-las com a nossa “contribuição” de latinos transplantados ao Novo Mundo. Trata-se “da transgressão que se cria a partir de um novo uso do modelo pedido de empréstimo à cultura dominante.”,

⁹ Desenvolvo a questão em Quando os outros somos nós: O lugar da crítica pós-colonial na universidade brasileira. In: *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*. 2007, p. 99-105.

esclarece Silviano em “Eça, autor de Madame Bovary” (*Uma literatura nos trópicos*, 1978, p.58).

Abordo a linguagem do pastiche como a exacerbação da cópia em suas últimas consequências que, simultaneamente, é transgressão. Diferentemente da paródia, não exhibe a ruptura, não a ostenta. Segundo Silviano, “[o] pastiche não rechaça o passado, num gesto de escárnio, de desprezo, de ironia. O pastiche aceita o passado como tal, e a obra de arte nada mais é do que um suplemento.” (“A permanência do discurso da tradição no modernismo”, *Nas malhas da letra*, p.115).

Em liberdade pode ser, para o autor, um referencial privilegiado:

[T]entei, então, inventar o que teria passado na cabeça de Graciliano Ramos, com o estilo de Graciliano, e fazendo de conta que se trata de um diário íntimo que ele teria escrito quando saiu da prisão. Essa é a melhor definição que eu posso dar de pastiche. (id., p.116).

Assim, o pastiche pode ser visto como uma linguagem por excelência em que se exerce a arte do/no entrelugar – ambos acionados pela lógica do suplemento. Cito um instante paradigmático de *Em liberdade* (em que entrevejo afetuosa homenagem ao lúdico, carnavalesco, canibalesco Oswald de Andrade):

“O persa alagoano se vestia de canibal caeté na noite carioca.” (*Em Liberdade*, p.58)¹⁰

O título sugere, já se disse acima, o escopo temporal da trama. Mas “em liberdade” torna-se refrão, esfera giratória, em recorrentes nuances de significação. Desde a brincadeira com o tempo cronológico – no eco, ou na antecipação, se quisermos, da cadência da “garota de Ipanema” (no romance, de Botafogo), em contraste à tristeza e solidão do poeta-observador: “Ela continuava a não me ver, como não via os carros que diminuam a marcha quando passavam

¹⁰ Wander Miranda (em “Silviano Santiago: duplo estilete”) foi sensível à potencialidade de alegria latente na escrita de Silviano, referindo-se à “alegre afirmação do(s) indivíduo(s) no presente, a resistência firme a todos os desmandos passados e por vir, um saudável sopro de renovação no cenário da literatura brasileira.” Célia Pedrosa, por sua vez, constata “humildade e alegria, de um lado; ceticismo e ironia de outro. A literatura como experiência de um entre-lugar produtivo e prazeroso, entre a frustração e a plenitude” (“Crítica e Utopia”). Ambos em *Navegar é preciso, viver*. p.178 e 232, respectivamente.

por ela. Aproximou-se de mim sem me ver, sem me ver passou por mim.” (id., p.95).

Foi então, ao se reconhecer sexualmente potente, que “Gracilviano” (achado verbal de Raul Antelo) sente-se “finalmente em liberdade”. A lógica do suplemento funciona aqui em cascata, acrescentando a seu funcionamento outros textos, outros domínios culturais na e além das literaturas.

O refrão “Em liberdade” também se inscreve no relato das dificuldades econômicas de Graciliano. Vejamos: “desagrada-me profundamente a ideia de, em liberdade, ser sustentado e ter a família sustentada por um partido.” (p.110). Similarmente, a teia da reflexão propiciada pelo diário, lê-se, “permite-me compreender melhor os fios que tecem a minha vida em liberdade.” (p.127).

Suplementarmente, a primeira das duas citações, além do caso biográfico em pauta, inscreve a precariedade econômica do intelectual embutida na problemática política – assíduo problema da sociedade brasileira; na segunda, o texto fala de si mesmo e torna-se meta-texto, remetendo ao exercício da práxis literária e de sua correspondente reflexão, em princípio, apanágio da “vida em liberdade”. Sempre na estética do pastiche, sempre na lógica do suplemento.

63

3: JUNTANDO os fios

Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Pero Vaz de Caminha.
Carta, p.95.

Não existe discurso que não tenha brechas e cujo funcionamento se produza em plenitude. Uma formação discursiva, por mais compacta que pretenda ser – como a colonial, de que tratamos – funciona em espaçamentos (como *différance*), “impossibilitando a uma identidade fechar-se sobre si própria, sobre sua coincidência consigo mesma”, segundo Derrida.¹¹ Ao comentar *La pensée sauvage* de Lévi-Strauss, diz Derrida: “Se denominarmos bricolagem a necessidade de ir buscar os seus conceitos ao texto de uma herança mais ou menos coerente ou arruinada, deve-se dizer-se que todo o discurso é *bricoleur*.”

¹¹ Ver “espaçamento” e “enxerto”, em *Glossário de Derrida*. Supervisão de Silvano Santiago. p.29, 33.

(DERRIDA,1971, p.238). Cada camada textual, ainda segundo Derrida, abriga outra camada que pode ser enxertada em diferentes momentos, graças a um movimento incessante de substituição de conteúdos, em um jogo relacional de elementos. As repetições sempre incorporam novas camadas de significação ao texto que se abre para incorporá-las, fechando-se depois na opacidade de suas malhas.

Procurei desbravar algumas camadas discursivas em nosso discurso da colonização e pós-colonial, e perscrutar, costurando-o à escrita de Silviano Santiago, possibilidades interpretativas fora do círculo eurocêntrico e das armadilhas dos significados transcendentais.

Retomamos a propósito, na epígrafe acima, a *Carta* de Caminha, em desconcertante e significativo lapso (em sua linguagem seiscentista: “Isto tomauamonos asy polo desejarmos”)¹². Caminha se refere ao que vê como gestos convidativos dos indígenas, sugerindo aos portugueses a existência de ouro naquelas plagas. Mas a nossa leitura não se circunscreve ao que Caminha *quer ver e dizer*, porém ao que o seu texto dá a ver e desvela. O escrivão abre, aqui, uma surpreendente e inusitada brecha de dúvida (para logo depois fechá-la), apesar de todo o direcionamento coeso de seu discurso e intenções.

64

Revisitamos neste ponto, e indiretamente, Vieira, cuja eloquência brilhante e voraz foi abordada de início. A leitura de Vieira, em *Policarpo Quaresma*, causa sono ao pretense erudito “Dr. Armando” – que tem Vieira, no entanto, como modelo a emular. No romance de Lima Barreto, as aspirações culturais do personagem ridicularizam a sujeição literária e ideológica em que se sustentaram as frágeis bases europeizadas de nossa cultura nacional:

Veio-lhe então [ao Dr. Armando] a ideia do clássico. O processo era simples: escrevia do modo comum, com as palavras e o jeito de hoje, em seguida invertia as orações, picava o período com vírgulas e substituíra incomodar por molestar, ao redor por derredor, isto por esto, quão grande ou tão grande por quamanho, sarapintava tudo de ao invés, em pós, e assim obtinha o seu estilo clássico que começava a causar admiração aos seus pares e ao público em geral.

Gostava muito da expressão – às rebatinhas; usava-a a todo o momento e, quando a punha no branco do papel imaginava que dera ao seu estilo uma força e um brilho

¹² Aqui, segundo o texto da *Carta* de Nossos Clássicos (1965, p.90).

pascalianos e às suas ideias uma suficiência transcendente. De noite, lia o padre Viera, mas logo às primeiras linhas o sono lhe vinha (...). (Lima Barreto, 1969, p.159-160).

Se o personagem é parodístico, a linguagem de Lima Barreto, em sua incorporação matreira do vocabulário “clássico”, é a do pastiche – ambos, paródia e pastiche, casados em contundente crítica à dependência cultural.

Nossas bases culturais serão permanentemente frágeis sem novas e oxigenadas leituras do material cultural de que dispomos, em cruzamentos potencialmente iluminadores. Evitando os modismos de praxe que nos remeteriam de volta, também e sempre, a outras reflexões especulares.¹³

Uma atividade crítica renovada tem vingado no Brasil e na América Latina nas últimas décadas, em grande parte impulsionada por acontecimentos de diversas ordens que não cabe discutir no espaço deste texto. Procurei apenas marcar algumas das circunstâncias básicas de agenciamento crítico, em contrapelo à dominação colonial e neocolonial. Um dos promotores de fecundas mudanças no pensamento interpretativo, na Academia brasileira e internacional, tem sido o trabalho de Silviano Santiago. Em sua obra destaco -

O estímulo ao desenvolvimento dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais, de forma a expressar a nossa realidade sociocultural em diálogo e confronto com outras regiões do mundo. O interesse pela produção cultural vista como minoritária – de gênero, opção sexual, raça, etnia. A atenção às hibridações inerentes ao colonialismo luso-brasileiro, às sequelas da escravidão, aos percalços da formação de um sentido de nacionalidade e de identidade brasileiras sempre fragmentárias, sempre insuficientes, sem o consolo de purezas redentoras (“sonho de gringo”, nas palavras de Lélia Gonzales), porém, e por isto mesmo, produtoras de uma riqueza cultural imensa, em sua “massa de coisas ditas” (Foucault).

Destaco também a renovação da teoria literária e do ensino na Universidade (dialogando Silviano, nesse sentido, com outros mestres inovadores de sua geração) notadamente no estímulo ao intercâmbio com saberes diversos; a crítica ao tradicional cerceamento disciplinar ainda hoje em vigor em círculos acadêmicos; a divulgação crítica, no Brasil, do pensamento de historiadores e

¹³ A respeito de pretensos destruidores da metafísica ocidental, diz Derrida com ironia: “Poderíamos entregar-nos a este exercício a propósito do próprio Heidegger, de Freud e de alguns outros. E nenhum outro exercício está hoje mais divulgado.” (DERRIDA, 1971, p.234).

filósofos internacionais (como Jacques Derrida, já na década de 70, para ficarmos em apenas um exemplo) e a valorização de intelectuais, poetas e artistas brasileiros (como Lélia Gonzales, para ficarmos em apenas um exemplo).

Mais do que na inversão de hierarquias tradicionais, o questionamento da pobreza interessada das posturas hierarquizantes.

Abarcando tudo isto, o pensar apaixonado e lúcido sobre o Brasil e a América Latina – entre o passado e o presente, na reflexão inadiável.

Por tantos motivos, gratifica-me participar deste volume em que, mais uma vez, se prestigia a contribuição intelectual de Silviano Santiago. Se o faço é, em grande parte, pelo desafio de jogar com o texto de Silviano – inserido a outros, inserindo-se em outros, fiando, desconfiando e desafiando, contribuindo enfim. Inacabadamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: *Obras completas VI - Do pau-Brasil à antropofagia e às utopias*. R.J.: Civilização Brasileira, 1972.

_____. Sol da meia-noite. In: *Ponta de lança*. S.P.: Globo, 1991.

BHABHA, Homi (ed). Introduction: narrating the nation. In: *Nation and narration*. London & New York: Routledge, 1990.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lima, Alceu Amoroso; Corrêa, Roberto Alvim; Sena, Jorge de (dir.). R.J., Agir, 1965.

_____. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. S.P.: Martin Claret, 2011.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: *A escritura e a diferença*. S.P.: Perspectiva, 1971. Trad. M.B. Nizza da Silva.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972. Trad. L.F. Baeta Neves.

_____. *Nietzsche, Freud & Marx*. S.P.: Editora Princípio, 1987. Trad. Jorge L. Barreto.

GOMES, Heloisa Toller. *As marcas da escravidão. O negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. R.J.: EdUERJ, 2009 (2ª. ed.).

O poder rural na ficção. S.P.: Ática, 1981.

_____. Quando os outros somos nós: o lugar da crítica pós-colonial na universidade brasileira. In: *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*. Paraná: Editora da Universidade Estadual de Maringá. Vol 29. n.2, 2007.

LIMA BARRETO, Afonso. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. S.P.: Brasiliense, 1969.

REVEL, Judith. *Dictionnaire Foucault*. Paris: Ellipses, 2008.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. R.J.: Rocco, 2006.

_____. *O cosmopolitismo do pobre. Crítica literária e crítica cultural*. B.H.:Ed. UFMG, 2004.

_____. *Nas malhas da letra*. S.P.: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Vale quanto pesa (ensaios sobre questões político-culturais)*. R.J.: Paz e Terra, 1982.

_____. *Uma literatura nos trópicos*. S.P.: Perspectiva, 1978.

_____. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. *A palavra de Deus*. B.H.: Barroco n.3, 1971.

_____. *Glossário de Derrida* (supervisão Silviano Santiago). R.J.: Francisco Alves, 1976.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo (org). *Navegar é preciso, viver: Escritos para Silviano Santiago*. B. H.: Ed. UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermão da Sexagésima. In: *Vieira sermões*. R.J.: Agir, 1972.

